
AUTORAS:

Inês Monteiro ¹

Olga Pereira ¹

Maria Adília Silva ^{2 †}

Ana Luísa Pereira ¹

¹ Faculdade de Desporto
Universidade do Porto, Portugal

² CIFI²D, Faculdade de Desporto
Universidade do Porto, Portugal

<https://doi.org/10.5628/rpcd.11.01.104>

Terminologia e estereótipos:

O poder sobre
as representações sociais
dos atletas paralímpicos.

PALAVRAS CHAVE:

Atletas paralímpicos. Jogos paralímpicos.
Representações sociais. *Media*.

RESUMO

As representações sociais estão constantemente a mudar e por isso é importante que sejam orientadas correctamente. Uma forma da sua divulgação é através dos *media*. Neste contexto, é fundamental compreender as representações sociais emanadas dos jornais desportivos, que noticiam os Jogos Paralímpicos. Através da análise de conteúdo, realizada em dois jornais de circulação nacional especializados em desporto (*O Jogo e Record*), dos anos 1996, 2000, 2004 e 2008, anos de Jogos Paralímpicos, somos capazes de descrever as representações sociais dos jornais sobre os atletas paralímpicos portugueses. De uma análise *a priori* emergiram as seguintes categorias: terminologia e estereótipos. As nossas principais conclusões são: a frequência de publicação das notícias foi regular, mas não de forma contínua; a terminologia usada para descrever o atleta paralímpico é precisa, principalmente porque tende a retratar primeiro o atleta ao invés de sua deficiência, especialmente na publicação dos Jogos Paralímpicos de 2004; a terminologia no conteúdo das notícias é desigual no sentido de que tanto enfatiza correctamente o tema "Jogos Paralímpicos", os atletas e os métodos aplicados, mas apresenta inconsistências na terminologia por não usar as normas de *People First Language*; e o atleta paralímpico é representado cada vez menos de forma estereotipada.

Terminology and stereotypes:
The power over social representations
of paralympics athletes.

ABSTRACT

Social representations are constantly changing; therefore it is important that they are targeted correctly. One way to disseminate it is through the media; thus, it is critical to understand the social representations contained in the sports newspapers, publishers of the Paralympics Games. Through content analysis, conducted at two national newspapers specialized in sport (O Jogo and Record), of the years 1996, 2000, 2004 and 2008, years of Paralympics Games, we are able to figure out the social representations of these newspapers about the Portuguese Paralympics athletes. From a priori analysis emerged the following categories: terminology and stereotypes. Our main conclusions are: the frequency of publication of news was regular, but not continuously; the terminology used to depict the Paralympics athlete are mostly accurate and the portrayal of the athlete priority instead of their disability is also evident, especially in the publishing of the 2004 Paralympics Games; the terminology within the news content is uneven in the sense that both emphasizes, correctly, the subject "Paralympics", the athletes and the methods applied, and has an inconsistency in terminology, not using, yet often, the People First Language; and the Paralympics athlete is becoming less stereotypical in its representation.

KEY WORDS:

Paralympics athletes. Paralympics games. Social representation. Media.

INTRODUÇÃO

Assumindo que somos parte de uma sociedade complexa, que tão espontaneamente determina se os seus membros estão “in” ou “out” dos padrões considerados “dentro da normalidade”, é importante determinar quais as mudanças que devem acontecer para que o atleta com deficiência (ACD) não continue a ser afectado pelas consequências dessas exigências. Uma das formas de perceber esta mesma mudança pode ser através dos *media*, através dos quais se transmitem representações sociais (RS) sobre grupos sociais particulares, assumindo um papel determinante na difusão das RS, já que também eles refletem e moldam as atitudes do público ⁽³⁸⁾. Tal como as RS, os estereótipos, que se distinguem dos outros esquemas mentais devido às suas consequências sociais ⁽¹⁾, terão de estar extintos de qualquer conteúdo relativo aos Jogos Paralímpicos (JP), mais precisamente, aos atletas paralímpicos (AP). Efetivamente, para que consigamos extinguir todo e qualquer estereótipo associado aos AP, é necessária uma coerência terminológica.

Neste contexto, o objectivo geral do nosso estudo é conhecer as RS dos Jornais Diários Nacionais Especializados em Desporto (JDNE) acerca dos AP portugueses nos anos 1996 (JP de Atlanta), 2000 (JP de Sidney), 2004 (JP de Atenas) e 2008 (JP de Pequim). Os objectivos específicos são: i) verificar se existe alteração na frequência de notícias de acordo com os períodos de contagem; ii) averiguar o tipo de terminologia utilizada para a deficiência e o ACD; iii) perceber se os ACD são alvo de abordagem estereotipada; iv) analisar as mensagens implícitas no conteúdo das notícias. Para melhor enquadrarmos a temática em estudo importa apresentar uma breve revisão da literatura, para que melhor se compreenda o fenómeno paralímpico e as RS.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ESTEREÓTIPOS

As RS são detentoras de uma dupla face: atuam como produtoras e construtoras da realidade ⁽³⁰⁾. Uma vez criadas, passarão por mutações e “reciclagens” inevitáveis, i.e., fundem-se com outras representações, fazendo desaparecer umas mais antigas e dando vida a outras mais renovadas ⁽⁹⁾. Para Moscovici ⁽²⁶⁾, as RS têm em conta os conteúdos dos pensamentos do dia-a-dia e as ideias que dão coerência às nossas crenças, bem como às conexões que criamos espontaneamente. Através das RS, é possível classificar pessoas e objetos, comparar e explicar comportamentos. É, portanto, comum que antes de se ver e ouvir uma pessoa, já se esteja a julgá-la, a classificá-la e a gerar imagens sobre ela ⁽²⁷⁾. São, então, as representações que se formam/ modificam sobre os AP que estão na iminência de alterar/ manter o “estatuto” da pessoa com deficiência (PCD) no desporto e na sociedade.

Assumindo que os *media* em geral, e a imprensa escrita em particular, estão envolvidos no processo de fabricação, reprodução e disseminação de RS, que apoiam a compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros ⁽¹⁾, é necessário compreender os mecanismos intervenientes na sua criação bem como no seu funcionamento. Os processos in-

tervenientes na construção das RS são a ancoragem e a objectivação, e estão intimamente ligados, embora não sejam sequenciais, pois a ancoragem tanto pode preceder como se seguir ao processo de objectivação ⁽³⁹⁾. O processo de ancoragem refere-se ao modo como se associam novos conceitos, pensamentos ou elementos do saber a categorias preexistentes ⁽¹¹⁾. Ao ancorar algo estamos a classificar e a nomear alguma coisa, caso contrário a mesma pode representar uma ameaça ou simplesmente ser considerada inexistente ⁽²⁷⁾. O nosso espaço social é, pois, uma “mina” de protótipos, aos quais recorreremos frequentemente no momento da classificação. Caso a classificação de algo se associe a um protótipo, esta adquirirá características do mesmo ⁽¹⁾. Se, pelo contrário, reconhecermos que algo é diferente do já estabelecido, ocorrerá um reajuste até que o novo objecto se associe ao protótipo, de modo a garantir uma certa coerência ente o conhecido e o desconhecido. Assim, sempre que um objecto detém uma característica incomum ou não-familiar, a tendência será no sentido de transformar as suas características numas mais familiares, para que a sensação de déjà vu esteja sempre presente ⁽²⁷⁾. Por sua vez, o processo de objectivação tem como principal função transformar o abstracto em concreto e observável ⁽³⁹⁾. Através de metáforas, conceitos e ideias tornam-se numa matéria real, e é nesse momento que o fenómeno da comunicação se torna possível ⁽⁹⁾. De uma forma instantânea na nossa mente existe uma materialização do abstracto ⁽²⁷⁾, i.e., de modo a que não se pense em “nada”, associamos o abstracto a algo que exista no mundo físico.

É importante, ainda, referir que quando as RS incluem claras categorizações sociais, remetem para a ideia de Estereótipos Sociais. No momento em que pensamos com a ajuda de categorias, o contrário iria resultar numa sobrecarga de informação e consequentemente ficaríamos incapazes de lidar de forma eficaz com o nosso mundo social, estamos inevitavelmente a estereotipar algo ⁽⁷⁾. E um estereótipo é mais do que uma imagem que se aloja no nosso cérebro, é uma estrutura cognitiva, pois tendenciosamente esquematiza mentalmente algo, organizando mnemonicamente a informação ⁽¹⁾. Para Marques e Paéz ⁽²⁴⁾, o conhecimento e as crenças que são elaboradas pelos indivíduos acerca de um grupo social irão originar o estereótipo desse grupo. Nas palavras de Baptista ⁽²⁾, este conhecimento fica “cristalizado em torno de uma palavra que o designa” e será armazenado na memória, podendo influenciar, posteriormente, comportamentos em relação a esse grupo, no geral, e aos seus membros em particular. O estereótipo distingue-se, assim, dos outros esquemas mentais devido às suas possíveis consequências sociais ⁽¹⁾.

O estereótipo como forma de categorização da realidade pode surgir, esporadicamente, com conteúdo positivo ⁽²⁾, mas existe uma tendência para a estereotipia negativa, assumindo um carácter humilhante para com aqueles que se mostram fora dos padrões comuns. Esta visão vem de encontro à realidade do que é a nossa sociedade, i.e., um organismo que tende a excluir a pessoa com deficiência (PCD) não lhe atribuindo valor no campo desportivo, mas sim à sua deficiência ¹. Devido a esta parca valorização, facilmente se constata

que “eventos extremos” e “indivíduos extremos” são mais facilmente recuperados pela memória e, por isso, dificilmente se conseguem mudar aqueles que possam ser os estereótipos já associados ⁽³³⁾, no entanto, não é de todo impossível ⁽²²⁾. A visão estereotipada do “outro” surge, conseqüentemente, e de forma frequente, associada PCD, i.e., são como que um agregado de pessoas colocadas num patamar que não é o mesmo da população em geral ⁽¹⁶⁾. No entanto, os papéis podem inverter-se, i.e., a qualquer momento as PCD podem encarar as pessoas sem deficiências (PSD) como os “outros”, no entanto as conseqüências são maiores quando o processo se inverte. Para as PCD, as PSD são consideradas TABS - temporalmente pessoas normais (*temporarily able-bodies*) ⁽⁴⁰⁾. A deficiência é muitas vezes vista como uma oposição à normalidade ⁽³⁶⁾, fazendo com que, por vezes, o corpo das PCD seja visto como desviante, fazendo delas outsiders ou os simbólicos “outros” ⁽¹²⁾.

De certo que a sensibilidade para esta problemática se tem alterado, mas não bastará escrever mais sobre os AP: é necessário, acima de tudo, melhor e de forma mais coerente. É, pois, importante verificar as relações existentes entre estereótipos e terminologia, tentando compreender como se confluem e como podem danificar e/ ou determinar ideias.

ESTEREÓTIPOS E TERMINOLOGIA ASSOCIADOS À DEFICIÊNCIA

Tem-se verificado um aumento do reconhecimento de que a consciência pelos assuntos sociais é influenciada pelos conceitos e linguagem usados ⁽⁵⁾. Cresceu, também, a consciência de que todos os que trabalham nos *media* devem ser alertados para o uso de uma terminologia desajustada, sendo por isso, necessário contribuir para a sua sensibilização e assim desapareça o uso da mesma ⁽⁴⁾.

De acordo com o *Supercrip Model* e o *Medical Model* ² verificamos que no mundo do desporto adaptado eles marcam, infelizmente, a sua presença, sendo que o primeiro é considerado o modelo mais requisitado pelos comentadores desportivos para se reportarem ao ACD ⁽³²⁾. Na análise a 4 jornais britânicos sobre os JP de Sidney de 2000, concluiu-se que 22.6% dos artigos utilizam linguagem médica para descrever os ACD, i.e., estes são referidos como “vítimas” ou “corajosos” que “sofrem” com as suas “tragédias pessoais” ⁽³⁵⁾. Este tipo de linguagem, ao ser utilizada pelos *media* para se referirem aos ACD, mais uma

1 — Esta visão vem de encontro ao Modelo Médico vigente, que tem vindo a ser posto em causa face ao desenvolvimento do Modelo Social. De acordo com Thomas ⁽³⁴⁾, o Modelo Médico atribui à deficiência a razão para a restrição da actividade da PCD, ao contrário do Modelo Social que atribui às barreiras sociais a mesma restrição. Segundo Brittain⁽⁸⁾, é até provável que os *media* sejam uma fonte de reforço e recriação de atitudes negativas para com as PCD, fruto do discurso desenvolvido pelo Modelo Médico.

2 — Um dos estereótipos que mais figura na análise dos *media* é o do “*Supercrip*” ⁽¹⁸⁾, pertencente ao *Supercrip Model*, que retrata a pessoa que, contra todas as probabilidades, triunfa sobre a sua deficiência através de feitos impensáveis. Por sua vez, o *Medical Model* foca sempre primeiro os aspectos físicos e só a *posteriori* a pessoa.

vez, enfatiza a deficiência e descarta a cobertura de aspectos mais relevantes, e relativos ao atleta, como os processos que o conduzem a alcançar os melhores resultados.

O debate sobre a linguagem tem sido uma causa central para Associações de PCD, que criticam o modelo médico ⁽⁶⁾. Esta luta ainda não é tão evidente na realidade nacional, mas alguns AP portugueses já manifestaram alguma insatisfação perante os JDNE. Não obstante, o *Supercrip Model* suscita opiniões díspares, já que alguns ACD consumidores de *media* estão convictos de que esta visão pode representar um estímulo para as PCD, que as fará acreditar que é sempre possível ultrapassar os obstáculos da vida. Por outro lado, existe a opinião que defende que este modelo não vai passar de uma mera ilusão, pois nem todas as PCD conseguirão alcançar tais feitos ⁽²¹⁾. Estamos, assim, perante duas visões distintas, sendo de notar que ambos os quadros são delicados, pois o dilema estímulo/ ilusão terá consequências distintas na vida de cada ACD.

Acrescente-se que existem dois tipos de *Supercrip*: o “regular” e o “glorificado” ⁽²¹⁾. No tipo “regular”, quando a pessoa realiza tarefas banais, são consideradas grandes realizações, pois não são previstas vir de uma PCD. Já o segundo tipo, ao realizar ações extraordinárias, como Erik Weihenmayer que, em 2001, se tornou na primeira pessoa com deficiência visual a alcançar o pico do Monte Everest, atrai e alcança o universo dos *media* ⁽¹⁸⁾. Mas o contrário também existe, e não reúne muitos adeptos, dado que é reprovada por todas as PCD, i.e., é um estereótipo que resume a pessoa à personificação da sua deficiência designando-a por lamentável, triste, lastimável: sinónimos que por vezes os *media* insistem em difundir ⁽²¹⁾.

São muitos os estereótipos que ainda ‘perseguem’ o ACD, mas também o tipo de terminologia utilizada é desajustado e, por isso, não adequado para falar ou intervir com os atletas. Existe um tipo de linguagem — a *People First Language* — que deve ser adoptado, para que não corramos o risco de sobrepor a deficiência à pessoa e que é utilizado pelo *International Paralympic Committee* (IPC) ⁽²⁰⁾. O IPC elaborou uma lista com a terminologia e palavras apropriadas para nos reportamos aos ACD, entre elas destacamos “atleta com deficiência” ou “paralímpico”, em vez de “atleta deficiente” e “atletas sem deficiência”, em vez de “atletas normais”. Constata-se, assim, o quão importante é o modo como “usamos” a linguagem e aqueles que possam ser os seus sentidos. Apesar de tudo, um contra-senso prevalece. Por um lado, muitas das palavras escolhidas para se referir as PCD não são aceites nem a escolha passa por elas ⁽¹⁴⁾. Por outro, há termos que quando utilizados por PSD para descrever as PCD são considerados errados e derogatórios, mas quando usados os mesmos termos por PCD, para além de serem admitidos, são também símbolos de orgulho ⁽¹⁶⁾, e.g., *Crip* ou *Wink* ³.

3 — Termos não traduzíveis para português, mas que nos remetem para expressões utilizadas por pessoas de um mesmo grupo ou eventual subcultura.

Retomando a ideia da *People First Language*, devemos considerar que esta deve, essencialmente, servir para que os *media* não humilhem nem causem danos, especialmente, aos atletas, no que diz respeito ao léxico utilizado ⁽³⁷⁾. Objectivamente, é urgente coerência terminológica e que, acima de tudo, se extinga a linguagem mais despropositada e estereotipada. Na realidade, apesar de termos como “cego”, “surdo” e “deficiente” serem já considerados abusivos, continuam a aparecer na literatura académica e nos *media*, sendo que *handicap* e *impairment* se destacam pela sua tradução directa. De acordo com Barnes, Mercer e Shakespeare ⁽⁵⁾, o termo *handicap*, “*cap in hand*” sugere caridade, alguém que implora e o termo *impairment* revela, igualmente, uma conotação negativa, de prejuízo ⁴. A questão é que os “rótulos” não são o único tipo de processo linguístico que afecta as PCD, i.e., definições médicas (e.g.: “o paciente”, “sofre de”, “vítima de”) e o uso de adjetivos como substantivos (e.g.: “o surdo”, “o cego”, “o deficiente”, “o doente crónico”), levam, igualmente, ao estigma e reforçam a deficiência, vendo-se a pessoa apenas através da mesma ⁽¹⁴⁾.

Apesar de tudo, observa-se uma tendência positiva em alguns *media*. Schantz e Gilbert ⁽³¹⁾, e.g., no seu estudo sobre a cobertura dos *media* impressos franceses e alemães aos JP de Atlanta, constataram que em 46% dos artigos foi realçada a deficiência associada aos atletas. Porém, na maioria das vezes os atletas foram referidos como “nadadores”, “jogadores” e mesmo “atletas”, nunca especificando a sua deficiência. Prevê-se, assim, uma evolução no que respeita à terminologia utilizada e percebe-se que, para que a cobertura dos *media* tenha um efeito positivo, esta não só terá de aumentar como também melhorar o conteúdo e as percepções nas quais se formula ⁽⁸⁾.

CAMPO METODOLÓGICO

CORPUS DE ESTUDO

De modo a abranger as 4 últimas edições paralímpicas, a nossa escolha recaiu sobre 2 dos JDNE existentes em Portugal: *Record* e *O Jogo*. Os anos em estudo são 1996, 2000, 2004 e 2008, estando divididos em 5 períodos de análise, conforme se pode observar no Quadro 1.

4 – A expressão *impairment* é, no entanto, utilizada pelo I.P.C., e.g., quando se refere à deficiência visual.

PERÍODOS DE ANÁLISE	1996	2000	2004	2008
AA (antes do período de contagem)	1/01 – 11/07	1/01- 17/09	1/01- 16/08	1/01 – 6/08
AJP (período de contagem antes dos JP)	12/07-11/08	18/09- 17/10	17/08- 16/09	7/08 – 6/09
JP (período dos JP)	12/08 - 27/08	18/10- 29/10	17/09- 28/09	7/09 – 17/09
DJP (período de contagem depois dos JP)	28/08 – 27/09	30/10- 29/11	29/09- 29/10	18/09 – 18/10
DD (depois do período de contagem)	28/09 - 31/12	30/11- 31/12	30/10- 31/12	19/10 – 31/12

PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

Foi utilizada a técnica da análise de conteúdo, uma técnica de tratamento de informação que pretende efetuar inferências sobre mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas ⁽²⁸⁾. Os objectivos desta análise foram: i) identificar e contabilizar com que frequência determinadas informações são publicadas nos JDNED sobre os AP portugueses; ii) verificar se existe uma associação entre essas mesmas informações; e iii) identificar os principais conteúdos das notícias. As notícias do *corpus* de estudo foram obtidas nos arquivos da Biblioteca Municipal do Porto e na Biblioteca Pública de Braga. Para assegurar a fiabilidade dos dados, as 4 autoras estiveram envolvidas na codificação e classificação dos mesmos, para obter consenso nesta mesma classificação. Posteriormente, foi efectuada uma leitura mais aprofundada, a fim de catalogar e codificar cada uma das notícias (ano, jornal, número da notícia e o período de análise). Todos os artigos estão relacionados com os assuntos relativos aos JP e AP. Utilizou-se unidades de registo (UR) como unidades de análise e duas regras de enumeração: presença/ ausência e frequência ⁽³⁾.

SISTEMA CATEGORIAL

Todos os artigos seleccionados foram inventariados de acordo com as categorias (Quadro 2) predeterminadas pela revisão da literatura, cuja descrição e justificação está exposta imediatamente após o Quadro 2.

QUADRO 2 — Categorias, subcategorias e unidades de registo.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UNIDADES DE REGISTO
ESTEREÓTIPOS		Herói/ Super-atleta/ Superação (R)
		Vítima/ Piedade (J)
		Sufrimento/ Triste/Doente
		Incapaz/ Invalído (R)
		Corajoso
		Transcendência (R)
		Perseverança (R)
		Admiração (R)
		Corpo Perfeito (R)
		Glorioso (R)
	Esforço (R)	
	Diferença/ Comparação com Atletas	
TERMINOLOGIA	TERMINOLOGIA CORRETA	Atletas Paralímpicos
		Atleta com/ sem deficiência
		Nadadores/ jogadores/atletas, etc.
		Paralímpicos
		Deficiência Visual
		Deficiência Intelectual
		Atleta normal
		Atleta não deficiente (R)
		Atleta deficiente
		Deficiente
	TERMINOLOGIA INCORRETA	Atleta portador de deficiência
		Confinado/ Entrevado
		Deficiente mental
		Surdo (R)
		Cego/ Invisual (R)
	Paraolímpicos/ Olímpicos (R)	

ESTEREÓTIPOS

Tal como em estudos anteriores ^(21, 35) se observou uma linguagem estereotipada e pouco ajustada, pretendemos, com esta categoria averiguar se o mesmo acontece e se existe evolução no espaço que compreende as 4 edições dos JP. De acordo com a revisão, incluímos as seguintes UR nesta categoria: Vítima; Sofrimento; Triste; Doente; Incapaz. Adicionalmente, o ACD é retratado através do mito do Super-Herói, pelo facto de conseguir superar as suas dificuldades e até mesmo ser autor de grandes proezas. Assim, palavras como “Herói/ Super-Atleta” e “Corajoso” ou ideias que nos remetam para este estereótipo foram consideradas. É de referir que as UR a negrito surgiram *a posteriori* do nosso *corpus* de 1996.

TERMINOLOGIA

As questões terminológicas ocupam lugar de destaque neste estudo, dado que se trata de uma análise de conteúdo à imprensa escrita desportiva, a qual reúne muitos adeptos em Portugal. De facto, de acordo com a Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação ⁵, no último trimestre de 2007, o jornal *Record* teve um total de circulação de 70.436 Milhões, valor próximo do *Jornal de Notícias* (jornal diário generalista de maior tiragem em Portugal, circulação de 89.480 Milhões).

Utilizamos, como referência, a tabela do IPC ⁽²⁰⁾ *People First Language*, de forma a verificarmos se os JDNE, entre as edições dos JP de 1996 - 2008 acompanham, ou não, a tendência dos jornais americanos no que diz respeito à terminologia utilizada para fazer referência aos AP portugueses. As UR para a subcategoria “Terminologia Correta” são: Atletas Paralímpicos; Atleta com/ sem deficiência; Paralímpicos; Atletas e todas as palavras associadas à modalidade praticada pelo atleta, e.g., “velocista”, “nadador”, bem como palavras que tenham em conta um conjunto de atletas, e.g., “seleção nacional” e “equipa”. Para a subcategoria “Terminologia incorreta” temos como UR palavras como “Atleta normal”, “Deficiente”, “Olímpico”. Tal como na categoria anterior, as UR a negrito surgiram a posteriori, também do *corpus* de 1996.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A distribuição dos nossos resultados é feita sobre 5 períodos de análise, e a sua discussão será feita tendo em conta o cruzamento de dados inter e intra-jornal.

Tal como podemos observar no Quadro 3, os períodos de análise AA e DD continuam com um reduzido número de notícias publicadas acerca dos JP. No entanto, o jornal *Record* publica sempre, no mínimo, uma notícia por período de análise, tal como se verifica no ano de 1996, correspondente aos JP de Atlanta. Por outro lado, o período relativo aos JP continua a ser aquele em que mais se escreve sobre os AP. Este é um “período chave” e de grande responsabilidade para os jornalistas, tendo em conta que por mais parca que seja a cobertura mediática ao longo das edições paralímpicas, foi, certamente, sempre este período que mereceu mais atenção por parte dos leitores. Esta ideia vem de encontro ao que defendem McCombs e Ghanem ⁽²⁴⁾, no que diz respeito à agenda dos *media* e ao “poder” que esta exerce na agenda do público, podendo mesmo definir sobre que assuntos relativos aos AP devemos considerar e como os devemos considerar. Por outro lado, os períodos

5 — [http://www.apct.pt/analisesimples_00.aspx?indice=4.1].

após os JP foram de uma escassa abordagem, principalmente em 2008, de tal forma que apenas o jornal *O Jogo* publicou uma notícia. Tal facto pode estar relacionado com o menor número de medalhas conseguido, tal como se verificou noutras edições ⁽²⁵⁾.

QUADRO 3 — Número total de notícias dos jornais *O Jogo* e *Record* desde 1996 até 2008 mediante o período de contagem.

ANO	1996		2000		2004		2008	
PERÍODO/JORNAL	<i>O JOGO</i>	<i>RECORD</i>	<i>O JOGO</i>	<i>RECORD</i>	<i>O JOGO</i>	<i>RECORD</i>	<i>O JOGO</i>	<i>RECORD</i>
AA	0	2	5	4	11	12	5	1
AJP	0	2	6	36	17	33	0	2
JP	9	11	29	22	59	66	10	43
DJP	0	1	9	21	9	17	1	0
DD	0	4	1	19	2	5	0	0
TOTAL POR JORNAL	9	20	50	102	98	133	16	46
TOTAL POR ANO	29		152		231		62	

Tentando uma visão global daquela que foi a evolução da cobertura dos jornais desportivos ao longo das 4 edições dos JP, percebemos que esta foi regular mas não contínua. Assim, verifica-se que desde 1996 até 2004 o aumento de notícias foi sempre um dado adquirido, no entanto, da edição de 2004 (Atenas) para a edição de 2008 (Pequim), verificou-se um decréscimo acentuado (de 231 para 62). De acordo com Pereira ⁽²⁹⁾, este decréscimo está associado à diminuição de número de medalhas conseguido e, por consequência, um menor impacto na comunidade jornalística. De facto, estão presentes os valores-notícia associados às vitórias: o inesperado ou “raro”, a grandiosidade do evento, a continuidade e “o dia noticioso” ^(13, 41). Quanto mais inesperado o acontecimento, neste caso uma vitória, ou mesmo várias, provenientes de um AP, maiores são as probabilidades de serem incluídas como notícias, sendo que uma derrota, tal como foi verificado por Monteiro ⁽²⁵⁾, também o é. Quanto à grandiosidade do evento, i.e., a amplitude que este pode atingir e por consequência captar a atenção do público, maior a probabilidade de o evento ser registado. Contudo, esta circunstância conduz-nos inevitavelmente à ideia de que nesse mesmo evento estão os atletas de *top* e, por isso, é comum um leitor expectante relativamente aos melhores resultados, esperando que se escreva sobre os mesmos. De facto, o que constatamos sobre a maior ou menor publicação pode estar dependente do maior ou menor número de meda-

lhas obtidas. A continuidade de uma notícia depende forçosamente do facto de em tempos ter ganho noticiabilidade. Por fim, “o dia noticioso” sugere-nos que uma notícia pode não ter *valor-notícia* num dia, mas no outro passar a ter, i.e., pode não se escrever muito sobre os AP, porém, quando os resultados são “palpáveis” a tendência inverte-se.

Apesar da evolução irregular no número de notícias ao longo do tempo, quando nos focamos nos jornais, percebe-se que o *Record* é o jornal que apresenta sempre mais notícias ao longo das 4 edições. Não obstante, verificaremos adiante se esta quantidade de notícias corresponde a uma melhor qualidade de abordagem. Seria importante que com o tempo se melhorasse o formato de abordagem aos AP, tendo em conta que o que se pretende, também, é aumentar o número de patrocinadores, para aumentar a visibilidade e, assim, dar a conhecer melhor as questões relacionadas com os JP. Efetivamente, ao longo das 4 edições verificou-se evolução na quantidade de patrocinadores associados aos JP e, por consequência, um maior número de jornalistas destacados para a cobertura do evento. De acordo com o *corpus* de estudo, em 1996 ⁶ empresas como a “*Motorola*” e a “*IBM*” constituíam-se como os principais patrocinadores dos JP, marcando, inclusive, presença na apresentação da missão lusa e, em 2000, a comitiva portuguesa contou com o apoio da marca *Supradyn* ⁷. Por sua vez, tal como constatámos anteriormente ⁽²⁵⁾, em 2004, a comitiva portuguesa teve grandes apoios de empresas, marcas e instituições, como sejam a “*VISA*”, “*Sport Zone*”, “*Galp Energia*” e “*Fundação Luís Figo*”, e teve variadas campanhas publicitárias alusivas aos Jogos e àquela que era a sua missão nos mesmos. Frases como *Let's make history in Athens* faziam parte dos cartazes alusivos à campanha, e transmitiam a vontade de vencer e alcançar os melhores resultados. Desta forma, e com a associação de algumas personalidades do Mundo do desporto, a imagem dos atletas foi muito divulgada, i.e., percorreu um percurso mais rápido até aos leitores/ espectadores e sociedade em geral. De referir o *valor-notícia* “a referência a pessoas de elite” ⁽¹³⁾, i.e., uma notícia que contenha uma associação a uma personalidade será mais susceptível de ser publicada do que se não existisse essa associação. Neste sentido, e segundo dados recolhidos no *site* ⁸ oficial do Comité Paralímpico de Portugal, em 2004 existiu um recorde de presença dos *media* na edição dos JP de Atenas.

Por fim, em 2008, no ciclo de Pequim, o Projecto “Super Atleta”⁹ ganhou novos parceiros *pro bono*: BBDO Portugal (publicidade), *Initiative* (meios) e *Imago* (comunicação). Com o apoio destes parceiros surgiu uma maior utilização de “máximas” adaptadas aos JP que

6 — 96/ R/ 3 — AJP (*Record*, 18 de Julho de 1996).

7 — Marca de comprimidos vitamínicos.

8 — [http://www.paralimpicos2008.org.pt/f-jogos_paralimpicos1.html].

9 — No dia 15 de Abril de 1999, o “Super Atleta”, logótipo criado pela *Young & Rubicam*, é revelado ao Mundo e, desde logo, arrecadou vários prémios nacionais e internacionais.

resultaram numa campanha criativa e apelativa, e.g.: “Chegar, não ver e vencer”, “Pequim vai correr sobre rodas” e “Portugal está em boas próteses”. Adicionalmente, através de um *spot* publicitário, foi elaborada uma campanha que alertava para o problema das acessibilidades, mobilidade e participação ativa das PCD na sociedade. Uma campanha muito utilizada pelos parceiros de *media* da delegação paralímpica: “Sic”¹⁰, “Record” e “Gente Jovem”¹¹.

Percebe-se, assim, uma evolução desde a edição de 1996, na qual alguns acontecimentos não tiveram um impacto positivo. Por exemplo, os *media* parecem ter ignorado que alguns atletas estiveram em estágio o que levou a que a recepção com o Presidente da República e com o Primeiro-Ministro tivesse a ausência de alguns atletas (“*Pela terceira vez em duas semanas, a comitiva olímpica apresentou-se incompleta aos media*”)¹². Igualmente, o facto de até à data a entrada ser gratuita nos recintos dos JP, mas que não aconteceu nesta edição e terá originado um escasso fluxo de público, levando a que alguns patrocinadores recusassem a sua associação aos JP. Vejamos agora como estes números se repercutem em cada uma das categorias de análise.

TERMINOLOGIA

Assumindo a importância que as questões terminológicas têm nas representações dos AP, esta categoria fornece dados que auxiliam a análise à abordagem dos atletas, da deficiência e dos JP, pelos jornais desportivos.

QUADRO 4 — Percentagem das subcategorias da categoria Terminologia

ANO	1996		2000		2004		2008	
	<i>O JOGO</i>	<i>RECORD</i>	<i>O JOGO</i>	<i>RECORD</i>	<i>O JOGO</i>	<i>RECORD</i>	<i>O JOGO</i>	<i>RECORD</i>
SUBCATEGORIA/ JORNAL								
TERMINOLOGIA CORRETA	68,57%	65,84%	58,3%	71,8%	78,4%	80,9%	84,8%	95,5%
TERMINOLOGIA INCORRETA	31,43%	34,16%	41,6%	28,2%	21,54%	19,1%	15,2%	4,5%

Da análise do Quadro 4, destaca-se que a terminologia correta apresenta valores sem-

10 — Canal de televisão privado, independente e comercial, a operar em Portugal.

11 — Revista portuguesa mensal.

12 — Todos os excertos das notícias do *corpus* de estudo estarão assinalados do texto, utilizando o formato da letra itálico.

pre superiores à terminologia incorreta ao longo das 4 edições dos JP, em ambos os jornais. O mesmo se verifica no estudo de Haller et al. ⁽¹⁷⁾, onde se analisou a terminologia relativa à deficiência em 2 jornais de elite dos Estados Unidos da América, o *The New York Times* e o *Washington Post*, num período de 10 anos, e se observou esta superioridade e a inclusão mais frequente do termo “pessoa com deficiência”. No nosso estudo, o jornal *Record* apresentou valores sempre superiores em relação à terminologia correta, com exceção do ano de 1996. Por sua vez, no que diz respeito à terminologia incorreta, o jornal *O Jogo* apresentou valores sempre superiores, excepto na edição dos JP de Atlanta em 1996. Observa-se, ainda assim, uma boa evolução na forma como se abordam as questões relacionadas com este evento e os próprios atletas, com destaque para o jornal *Record* (jornal oficial da Delegação Portuguesa desde o ano 2000), que, não estando isento de erros, faz uma abordagem mais correta. Adicionalmente, um destaque positivo deve ser dado à diferença observada em 2008 entre a terminologia correta e incorreta, em ambos os jornais, porém, nessa edição verificou-se o maior decréscimo de notícias publicadas desde a edição de 1996 (62 notícias).

Para a evolução terminológica de abordagem dos AP ao longo das 4 edições, a partir do Quadro 5, analisamos as UR da terminologia correta e incorreta que mais frequentemente foram utilizadas. Como se pode observar no Quadro 5, o termo “paralímpico” é dos termos que mais prevalece nas notícias analisadas (“*Paralímpicos em Atlanta*”; “*A organização dos Jogos Paralímpicos...*”), e que se refere aos AP ou aos JP. Porém, é comum encontrar-se referências aos “Jogos Olímpicos”, quando na verdade se pretende fazer referência aos JP (“*Mais uma vez a família olímpica esteve incompleta*”). Por sua vez, o termo “paralímpico” (“*A natação teve um dia em cheio nos jogos paraolímpicos*”) é também uma das incorreções encontradas. Segundo o IPC ⁽²⁰⁾, uma das razões para o não uso deste termo passa por uma explicação fonológica, denominada por hiato ¹³, que muitos oradores tendem a evitar para facilitar a pronúncia. O termo “paraolímpico” tem duas vogais “a” e “o” que pertencem a duas sílabas diferentes, verificando-se aí o designado hiato.

13 — Nome que se dá quando dois sons vocálicos adjacentes são pronunciados em sílabas separadas.

QUADRO 5 — Maior número de unidades de registo por jornal.

	1996	2000	2004	2008
J O G O	TERMINOLOGIA CORRETA			
	Paralímpico (13)	Atletas (26)	Atleta (59)	Atleta (10)
	Atletas (7)	Paralímpicos (8)	Modalidade (32)	Paralímpico (9)
	Modalidade (3)	Modalidade (8)	Paralímpico (24)	Modalidade (5)
	TERMINOLOGIA INCORRETA			
	Paraolímpico (6)	Cego (17)	Cego (15)	Deficiente (2)
Olímpico (3)	Deficiente (6)	Deficiente (9)	Paraolímpico (2)	
Deficiente (2)	Deficiente Mental (6)	Atleta Deficiente (6)	Atleta Deficiente (1)	
R E C O R D	TERMINOLOGIA CORRETA			
	Paralímpicos (68)	Atletas (56)	Atleta (40)	Atletas (63)
	Atletas (58)	Paralímpico (49)	Modalidade (23)	Modalidade (17)
	Modalidade (13)	Modalidade (25)	Paralímpico (22)	Atleta Paralímpico (16)
	TERMINOLOGIA INCORRETA			
	Deficiente (33)	Cego (21)	Cego (13)	Olímpico (1)
Olímpico (14)	Deficiente (13)	Deficiente (8)	Cego (1)	
Atleta Deficiente (11)	Deficiente Mental (8)	Atleta Portador de Deficiência (3)		

Infelizmente, existem outros termos que devem ser evitados, não por razões de pronúncia, mas pelas consequências da sua utilização. Ao analisarmos as notícias relativas à edição de 1996, constatamos a presença de três novas UR (para além das observadas nas edições posteriores): “atleta não deficiente”, “surdo” e “invisual”. Estes termos, que passam de adjetivos a substantivos, acabam por ser mais do que uma discriminação linguística, pois são termos médicos que estigmatizam os atletas e não fazem mais do que reforçar a deficiência ⁽¹⁴⁾.

Existe também o lado positivo da nossa análise, onde podemos verificar que as referências aos atletas como atletas, e muitas vezes à própria modalidade que praticam, são sinais de que a deficiência começa a ser um dado supérfluo e começa a ficar em segundo plano (“*Portugal contou com a participação de dois nadadores*”; “*os atletas portugueses...*”). Esta constatação está de acordo com a *People First Language*, defendida pelo IPC e que pretende sobrepor a pessoa à deficiência.

ESTEREÓTIPOS

Tendo presente que o evento analisado tem, de facto, uma enorme dimensão, são facilmente perceptíveis as possibilidades que o seu impacto pode causar nas pessoas. De destacar

que tal impacto pode ser um ponto contra os AP, no sentido em que os estereótipos já associados, serão facilmente recuperados pela memória. Assim, mesmo que o número de utilização de estereótipos tenha diminuído, a sua presença é ainda preocupante.

A partir do Quadro 6, observa-se que o jornal *O Jogo* apresenta menor número de referências estereotipadas ao longo das 4 edições analisadas. Note-se que o número de notícias foi sempre maior no jornal *Record* e, por isso, existe uma maior probabilidade de erro/ incoerência. Apesar disso, é importante reter que o número de referências estereotipadas, apesar de elevado, tem vindo a apresentar um decréscimo desde 1996 até 2008, com a exceção do valor pouco significativo visível entre 2004 e 2008 (4 e 6 referências, respectivamente).

QUADRO 6 — Número de unidades de registo da categoria estereótipos.

ANO	1996		2000		2004		2008		
	JORNAL	<i>O JOGO</i>	<i>RECORD</i>	<i>O JOGO</i>	<i>RECORD</i>	<i>O JOGO</i>	<i>RECORD</i>	<i>O JOGO</i>	<i>RECORD</i>
ESTEREÓTIPOS (Nº)		2	22	6	7	3	4	2	6

Relativamente às UR propriamente ditas, saliente-se que surgiram umas diferentes e bem mais depreciativas para a representação dos AP, em relação ao previamente estabelecido. Contudo, entendemos que com o passar dos anos, aquela que era a visão estereotipada vigente em 1996, lentamente, está a diluir-se. Mais especificamente, o jornal *O Jogo*, no ano de 1996, apresentou um estereótipo que podemos considerar “afim” de outro estabelecido: “piedade” (“vítima”) – “*A competição dos paraolímpicos começou na sexta-feira debaixo de uma compensadora presença de público nos estádios, onde os torneios de basquetebol, voleibol, ténis e judo entraram em ação*”. No que diz respeito ao jornal *Record*, um número mais elevado de estereótipos emergiu do *corpus*, um deles também afim: “inválido” (“incapaz”) – “*...aldeia olímpica pouco adaptada às exigências dos atletas inválidos...*”. Os restantes estereótipos procedentes da análise deste jornal foram: “Transcendência” (“*No centro de Alcoitão aprendeu a viver com as suas limitações e a transcendê-las na piscina...*”); Perseverança (“*Um exemplo de perseverança face à adversidade...*”); “Admiração” (“*...o Presidente da República...manifestou todo o seu “respeito e admiração*”); “Superação” (“*está em jogo a superação dos seus próprios limites*”); “Glorioso” (“*...participação gloriosa...*”); “Esforço” (“*...o esforço de inserção social destes homens e mulheres*”); “Corpo Perfeito” (“*...eliminar o mais possível a deficiência e valorizar o aspecto desportivo...*”); “Diferença/ Comparação com Atletas Olímpicos” (“*...os atletas deficientes, tal como os outros, querem ser premiados sempre que conquistem uma medalha*”).

Alguns destes estereótipos nas notícias publicadas provêm de pessoas diretamente ligadas às questões da deficiência. Referimo-nos, e.g., a um fabricante de próteses que assume que o mais importante, e aquilo que advém do seu trabalho, é eliminar a deficiência no sentido de se começar a valorizar cada vez mais o aspecto desportivo. Esta afirmação pode ser analisada sob dois ângulos, i.e., podemos observar um apelo ao “corpo perfeito”, isento de qualquer “imperfeição”, ou mesmo uma referência idêntica à feita por DePauw⁽¹⁰⁾ que defende cada vez mais a (in)visibilidade da deficiência. Estas questões acabam por estar presentes nas notícias mais atuais, no momento em que tanto se discute sobre a inclusão, ou não, de ACD nos Jogos Olímpicos, como no caso polémico de Óscar Pistorius, ou da nadadora Natalie du Toit. Na realidade, até mesmo na cerimónia de abertura da edição dos JP de Atlanta, Andy Fleming (Presidente do Comité Organizador dos JP), citou Martin Luther King: *“Da mesma forma que a cor da pele não pode condicionar o destino do ser humano, também uma deficiência física não o pode fazer”*.

Por outro lado, declarações como as do Presidente da Federação da Costa do Marfim acabam por perpetuar, mesmo que tentando transmitir uma ideia de mudança, estereótipos que outrora eram ainda mais vigentes: *“Durante muito tempo, os deficientes eram muito mal aceites e muitas vezes rejeitados nas sociedades africanas, pois eram considerados um “fardo” para as famílias mais pobres”*. De igual forma, podemos considerar que a simples presença de Christopher Reeve (ator que outrora representou o papel de Super-Homem) na cerimónia de abertura em 1996 veio sugerir e reforçar aquele que é um dos estereótipos mais perpetuados nos jornais em relação ao AP: Herói/ Super Atleta^(25, 29). No entanto, e de forma incoerente com aquilo que temos verificado na literatura, para a Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes ou mesmo para o recente Comité Paralímpico de Portugal, parece ser indiferente que estas considerações perpetuem, pois continuam a divulgar o denominado Projecto Super Atleta. Este projeto tem apostado essencialmente na renovação da imagem do seu logótipo, na divulgação da missão paralímpica através de cartazes e *spots* publicitários, que, na nossa opinião e corroborando com a nossa revisão da literatura^(6, 18, 19), consegue para além de alguns benefícios, difundir visões estereotipadas acerca dos AP. Frases como *“...apesar de todo o esforço, das horas diárias e de uma grande força de vontade...”*, *“Apoie os superatletas portugueses”*, *“Somos iguais a todos os outros atletas. Também precisamos do seu apoio”*; *“É nisto que somos bons”*¹⁴, são, na nossa perspectiva, um conjunto de boas intenções e progressos “camuflados”, dado que acabam por reforçar imagens não tão favoráveis, quanto *a priori* parecem ser, sobre os atletas.

Outra questão importante é a frequente comparação com os AO feita pelos jornais analisados, mas também pelos próprios atletas. Ainda não podemos precisar se tais declarações têm um sentido apenas reivindicativo ou se se tratam de analogias com alguma outra qualquer intenção, tendo em conta que ainda não “ouvimos” os atletas nem os jornalistas. Assim sendo, é comum que, tanto os jornais, como os atletas, façam referências estereotipadas ao “outro”, i.e., para os jornais os denominados “outros” são os AP (“...*grande como a esperança de que passassem a ser tratados da mesma forma que atletas como Fernanda Ribeiro, Hugo Rocha e Nuno Barreto, os únicos a conquistarem medalhas...nos jogos Olímpicos...*”) e para os AP os “outros” são os AO (“...*é difícil meter na cabeça de determinadas pessoas que somos como os outros*”). Porém, as consequências não são as mesmas para os AP e para os AO. Se para as PCD as PSD são TABS (*temporarily able-bodies*), para as PSD as PCD dificilmente conseguem libertar-se da deficiência, sendo que a mesma é muitas vezes sobreposta à própria condição de pessoa/ atleta.

QUADRO 7 — Maior número de unidades de registo por jornal.

	1996	2000	2004	2008
	<i>O JOGO</i>			
ESTEREÓTIPO	Piedade (1)	Herói/ Super Atleta (5)	Herói/ Super Atleta (1)	
	Sufrimento (1)	Sufrimento (1)	Corajoso (1) Sufrimento (1)	Herói/ Super Atleta (2)
	<i>RECORD</i>			
ESTEREÓTIPO	Herói/ Super Atleta (4)	Herói/ Super Atleta (6)	Herói/ Super Atleta (2)	Herói/ Super Atleta (2)
	Diferença/ Comp.com AO (4)	Corajoso (1)	Corajoso (2)	Sufrimento (2)
	Superação (3)			Corajoso (1) Diferença/ Comp.com AO (1)

Considerando as UR (Quadro 7), e tentando uma visão no tempo dos estereótipos que mais se destacaram na análise de cada uma das edições, observamos que a UR “Herói/ Super Atleta” é das que mais prevalece, seguidamente as UR “sofrimento”, “corajoso” e “diferença/ comparação com atletas olímpicos”. Desta forma, parece-nos que uma mudança positiva está a decorrer no que diz respeito à utilização de linguagem estereotipada, porém, não nos parece suficiente, pois a simples presença é já uma má influência na construção/ manutenção/ transformação das RS dos AP.

CONCLUSÕES

Perante o exposto, podemos concluir que: i) a frequência de publicação de notícias foi regular, mas não contínua, tendo em conta que da edição de 2004 para a edição de 2008 houve um decréscimo acentuado na publicação de notícias sobre os AP; ii) a terminologia utilizada para retratar o AP é maioritariamente correta e a prioridade de retratar o atleta em vez da sua deficiência também é visível, principalmente na edição dos JP de 2004; iii) o conteúdo terminológico das notícias é irregular, dado que tanto enfatiza, corretamente, o assunto "Paralímpicos", os atletas e as modalidades praticadas, como apresenta incoerência terminológica, não fazendo uso frequente da *People First Language*; iv) o AP é cada vez menos alvo de uma representação estereotipada, mas esta é ainda um facto concreto, o que por si só não sugere a sua extinção por completo.

Estes resultados sugerem que se deve observar uma frequência de notícias proporcional à qualidade das mesmas a nível terminológico. Só desta forma a RS do AP terá possibilidades de sofrer alterações positivas e deixar de estar associada a abordagens estereotipadas. O facto de não serem do nosso conhecimento os motivos que levam os jornalistas a optarem por determinadas formas de relatar as notícias sobre os JP em geral, e os AP em particular, utilizando determinado tipo de terminologia, é uma limitação. Também seria importante saber as fontes jornalísticas e as razões que levam a que os jornalistas não estejam *in loco*, muitas vezes, na cobertura deste evento.

1. Augoustinos M, Walker W (1995). *Social cognition. An integrated introduction*. London: Sage Publications.
2. Baptista M (2004). Esteriotipia e Representação Social: uma abordagem psico-sociológica. In: Barker A (ed), *A persistência dos estereótipos* Aveiro: Universidade de Aveiro, 103-116.
3. Bardin L (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
4. Barnes C (1992). *Disabling imagery and the media: An exploration of the principles for media representations of disabled people the first in a series of reports*. England: The British Council of Organisations of Disabled People.
5. Barnes C, Mercer G, Shakespeare T (2005). *Exploring disability. A sociological introduction*. Cambridge: Polity Press.
6. Berger R (2008). Disability and the dedicated wheelchair athlete: Beyond the "Supercrip" critique. *Journal of Contemporary Ethnography*, 37: 647-678.
7. Bernardes D (2003). Dizer "não" aos estereótipos sociais: As ironias do controlo mental. *Análise Psicológica*, 3: 307-321.
8. Brittain I (2004). Perceptions of disability and their impact upon involvement in sport for people with disabilities at all levels. *J Sport Soc Issues*, 28: 429-452.
9. Burr V (2002). *The person in social psychology*. New York: Psychology Press.
10. DePauw K (1997). The (in)visibility of disability: Cultural contexts and "sporting bodies". *Quest*, 49: 416-430.
11. Doise W (2002). Da psicologia social à psicologia societal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18: 27-35.
12. Edwards C, Imrie R (2003). Disability and bodies as bearers of value. *Sociology*, 37: 239-256.
13. Galtung J, Ruge MH (1965). The structure of foreign-news - the presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in 4 Norwegian newspapers. *Journal of Peace Research*, 2: 64-90.
14. Galvin R (2003). The making of the disabled identity: A linguistic analysis of marginalisation. *Disability Studies Quarterly*, 23: 149-178.
15. Gilson S, Depoy E (2000). Multiculturalism and disability: A critical perspective. *Disabil Soc*, 15: 207-218.
16. Goodwin D, Thurmeier R, Gustafson P (2004). Reactions to the metaphors of disability: The mediating effects of physical activity. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 21: 379-398.
17. Haller B, Dorries B, Rahn J (2006). Media labeling versus the US disability community identity: A study of shifting cultural language. *Disabil Soc*, 21: 61-75.
18. Hardin M, Hardin B (2004). The 'Supercrip' in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony's disabled hero. *Sosol* 7: [<http://physed.otago.ac.nz/sosol/v7i1/v7i1.html>].
19. Harnett A (2000). Escaping the 'Evil Avenger' and the 'Supercrip': Images of disability in popular television. *Irish Communications Review*, 8: 21-29.
20. InternationalParalympicCommittee (2008). *Guidelines — Reporting on Persons with a Disability: [http://www.paralympic.org/release/Main_Sections_Menu/Media/Infosheet/]*.
21. Kama A (2004). Supercrips versus the pitiful handicapped: Reception of disabling images by disabled audience members. *Communications*, 29: 447-466.
22. Lippmann W (2004). *Public opinion*. New York: Courier Dover Publication.
23. Marques J, Paéz D (2004). Processos cognitivos e estereótipos sociais. In: Vala J, Monteiro M (eds) *Psicologia Social* (6ª. ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 333-386.
24. McCombs M, Ghanem S (2001). The Convergence of Agenda-Setting and Framing. In: Reese S, Gandy O, Grant A (eds), *Framing public life: Perspectives on media and our understanding of the social world*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 67-82
25. Monteiro M (2008). *Representações sociais dos atletas paralímpicos nos jornais diários nacionais especializados em desporto*. Monografia de Licenciatura. Porto: FADEUP.
26. Moscovici S (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18: 211-250.

27. Moscovici S (1994). Social Representations and Pragmatic Communication. *Social Science Information Sur Les Sciences Sociales*, 33: 163-177.
28. Patton M (2002). *Qualitative research & evaluation methods*. Thousand Oaks: Sage Publications.
29. Pereira O (2009). *Representações sociais das atletas paralímpicas nos media impressos Portugueses — estudo efectuado em dois jornais diários generalistas e dois jornais diários desportivos*. Dissertação de Mestrado. Porto: FADEUP.
30. Ramos M (2004). Representações sociais da matemática. A bela ou o monstro? *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46: 71-90.
31. Schantz O, Gilbert K (2001). An ideal misconstrued: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. *Social Sport J*, 18: 69-94.
32. Schell L, Duncan M (1999). A content analysis of CBS's coverage of the 1996 Paralympic Games. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 16: 27-47.
33. Tajfel H, Forgas J (2000) Social Categorization: Cognitions, Values and Groups In: Stangor C (ed), *Stereotypes and prejudice*. Philadelphia: Psychology Press, 72-90.
34. Thomas C (2004). How is disability understood? An examination of sociological approaches. *Disabil Soc*, 19: 569-583.
35. Thomas N, Smith A (2003). Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the British media coverage of 2000 Paralympic Games. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 20: 166-181
36. Thomson R (1997). *Extraordinary bodies. Figuring physical disability in American Culture and Literature*. New York: Columbia University Press.
37. Titchkosky T (2005). Disability in the news: A reconsideration of reading. *Disabil Soc*, 20: 655-668.
38. Tuchman G (2002). As notícias como uma realidade construída. In: Esteves J (ed), *Comunicação e Sociedade*. Livros Horizonte, Lisboa, 91-104.
39. Vala J (2004). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In: Vala J, Monteiro M (eds), *Psicologia Social* (6ª. ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 457-502.
40. Wendell S (1996). *The rejected body: feminist philosophical reflections on disability*. New York: Routledge.
41. Wolf M (2003). *Teorias da comunicação* (8ªed.). Barcarena: Editorial Presença.